

5

AUTOCONCEITO E AUTOIMAGEM DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

▶ **Bianca de Souza Araújo**

Bacharelada em Psicologia, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG;
2310190@sempre.unifacig.edu.br

▶ **Letícia Aguiar Pereira**

Bacharelada em Psicologia, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG;
2310054@sempre.unifacig.edu.br

▶ **Maria Alice Coelho Sales**

Bacharelada em Psicologia, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG;
2310100@sempre.unifacig.edu.br

▶ **Samili Agostinho Gonçalves**

Bacharelada em Psicologia, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG;
2310412@sempre.unifacig.edu.br

▶ **Márcio Rocha Damasceno**

Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local, Docente no Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG;
marciorocha@sempre.unifacig.edu.br

RESUMO

Este trabalho explora a elaboração do autoconceito e da autoimagem de uma mulher que enfrenta diferentes formas de vulnerabilidade. A vulnerabilidade é abordada de forma ampla, não se limitando apenas a questões financeiras, mas compreendida como um conceito multifacetado. Utilizando o método de pesquisa descritiva, os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, com abordagem qualitativa.

O estudo destaca as diversas vulnerabilidades enfrentadas por essa mulher e como essas condições influenciam diretamente a formação e a consolidação do seu autoconceito e autoimagem. Além disso, analisa-se a interseção de múltiplas vulnerabilidades, que frequentemente colocam os indivíduos em situações de risco.

O trabalho também aborda a conexão entre os padrões estabelecidos pela mídia e o problema da comparação, destacando como a ausência de oportunidades em relação a outros grupos e a pressão por ideais de corpo e estilo de vida afetam essa mulher vulnerável. Esses fatores levam a sentimentos de frustração e inferioridade, que impactam diretamente sua autoimagem e autoconceito.

Palavras-chave: Autoconceito; Autoimagem; Mulheres; Redes Sociais; Vulnerabilidade Social.

5

WOMEN'S SELF-PERCEPTION AND SELF-IMAGE AND THE SITUATION OF SOCIAL VULNERABILITY

ABSTRACT

This work examines the development of self-concept and self-image in a woman facing various forms of vulnerability. Vulnerability is discussed broadly, encompassing not only financial issues but also as a multifaceted concept. Utilizing a descriptive research method, data were collected through semi-structured interviews based on qualitative criteria. The study highlights the diverse vulnerabilities experienced by this woman and how these conditions directly influence the formation and consolidation of her self-concept and self-image. Furthermore, it analyzes the intersection of multiple vulnerabilities, often placing individuals in precarious situations. The study also explores the link between media-imposed standards and the issue of comparison, emphasizing how the lack of opportunities compared to other groups, along with the pressure to conform to body and lifestyle ideals, affects this vulnerable woman. This leads to feelings of frustration and inferiority, which directly influence her self-image and self-concept.

Keywords: Self-concept; Self-image; Women; Social Media; Social Vulnerability.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda a temática da elaboração do autoconceito e da autoimagem de mulheres que enfrentam situações de vulnerabilidade. Nesse sentido, é necessário entender a vulnerabilidade não apenas como uma questão econômica, mas como algo que abrange outras nuances da vida cotidiana.

Scott et al. (2018) afirmam que o termo vulnerabilidade social vem sendo empregado em diversos estudos, assumindo múltiplas conotações, especialmente nas áreas relacionadas à saúde e à assistência social. Guareschi et al. (2007) conceituam vulnerabilidade social como

um estado de desvantagem, quando comparado às condições de promoção e garantia de direitos de uma parte da população. Pontuam ainda que o conceito não se restringe à categoria econômica, passando por organizações políticas de raça, orientação sexual, gênero e etnia.

Scott et al. (2018) também destacam que o termo vulnerabilidade social está intimamente ligado a grupos e/ou indivíduos fragilizados, seja juridicamente ou politicamente, que de alguma forma necessitam de suporte para que seus direitos enquanto cidadãos sejam prestados e garantidos.

Para esses autores, o indivíduo identificado como vulnerável carrega consigo a ideia de fraqueza ou desvantagem, independentemente do critério utilizado, como renda, acesso a serviços, qualidade de vida, educação ou saúde, entre outros.

Pedersen e Silva (2013), apud Scott et al. (2018), relatam que o conceito de vulnerabilidade social tem sido utilizado para caracterizar uma parcela cada vez maior da sociedade, composta por grupos em situação desfavorável e prejudicada em comparação com outros grupos.

Dessa forma, pode-se aplicar o conceito de vulnerabilidade social a pessoas que vivenciam situações conflitantes em seu cotidiano, associando o termo a fatores negativos que impactam diretamente suas vidas.

O presente trabalho objetiva analisar, de forma detalhada, as diversas vulnerabilidades sociais que afetam as mulheres, utilizando referenciais teóricos e a literatura científica sobre o tema. Por meio dessa análise, busca-se identificar como essas vulnerabilidades — sejam de natureza econômica, social, psicológica ou física — impactam a formação do autoconceito e da autoimagem. Além disso, o estudo discute a influência dos padrões midiáticos e a questão do comparativismo, destacando como essas dinâmicas geram sentimentos de frustração e inferioridade em mulheres vulneráveis, impactando profundamente sua autoimagem e seu autoconceito.

Com base na fala de Maria, foco da pesquisa, observa-se que as esferas de vulnerabilidade social por ela enfrentadas impactam diretamente a construção de seu autoconceito e sua autoimagem, ambos conceitos amplamente discutidos por autores como Santos e Rodrigues (2023). O autoconceito, entendido como a percepção que o indivíduo tem de si mesmo, e a autoimagem, que se refere à maneira como a pessoa enxerga seu corpo e sua identidade, são frequentemente moldados pelas condições adversas e pela exclusão social, influenciando profundamente a forma como Maria vivencia e interpreta a realidade ao seu redor.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico que baseou a escrita deste trabalho iniciou com a definição do tipo de pesquisa, classificada como descritiva, pois trata-se de um modelo de pesquisa cujo objetivo principal é descrever determinada porção da sociedade, um fenômeno ou a relação entre variáveis, como apontado por Gil (1999).

Para Selltitz, Wrightsman e Cook (1965), uma pesquisa descritiva tem o intuito de delinear um fenômeno ou situação de forma detalhada, permitindo identificar com precisão as peculiaridades de

um grupo, de um indivíduo ou de uma situação. Essa abordagem também possibilita compreender a correlação entre eventos citados, pois, de acordo com Oliveira (2011), permite conhecer determinado grupo social, entendendo suas características, valores e déficits.

A pesquisa, desta forma, é descritiva, buscando detalhar e compreender o processo de elaboração do autoconceito e da autoimagem de mulheres em situações de vulnerabilidade social. O objetivo é explorar como essas vulnerabilidades sociais, incluindo fatores econômicos, culturais e psicológicos, influenciam diretamente a percepção e construção da identidade pessoal dessas mulheres.

No que se refere à técnica utilizada, adotou-se a técnica de levantamento, ou survey, que, em tradução direta, significa "pesquisar". Esse método visa coletar dados e informações a partir das características e opiniões de determinados grupos e/ou indivíduos. Silva et al. (2019) caracterizam o método survey como um formato de coleta de dados baseado nas características e opiniões de grupos específicos.

Os autores também destacam que o método survey busca informações diretamente de um grupo de interesse, com o objetivo de coletar dados sobre esse grupo. Além disso, apontam que essa técnica é especialmente útil em pesquisas exploratórias e descritivas (Silva et al., 2019).

Em relação à unidade de análise, optou-se por relatar a situação de uma mulher inserida em um contexto de vulnerabilidade. Como citado por Guareschi et al. (2007), essas pessoas encontram-se em uma posição de desvantagem em comparação com as condições de promoção e garantia de direitos. Scott et al. (2018) concordam e acrescentam que o conceito de vulnerabilidade é bastante amplo, podendo abranger questões relacionadas a renda, serviços, qualidade de vida, educação, saúde, entre outros aspectos.

Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada, tendo em vista que esse modelo permite que as entrevistadas se expressem de forma mais leve e condizente com sua realidade. Nesse formato, cria-se um roteiro inicial, mas também se abre espaço para que o entrevistado aprofunde o tema de maneira natural, tornando a entrevista mais "flexível". Triviños (1987) afirma que a entrevista semiestruturada favorece a descrição, explicação e compreensão dos fenômenos sociais em sua totalidade.

Quanto aos critérios utilizados para a análise de dados, adotou-se um modelo qualitativo, pois esse método permite coletar e analisar dados com o objetivo de entender experiências. Para tanto, utilizou-se a proposta da análise de conteúdo de Bardin (2016), que possibilita uma interpretação mais aprofundada e sistemática das informações obtidas, contribuindo significativamente para a compreensão das vulnerabilidades sociais que afetam o autoconceito e a autoimagem das mulheres.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

3.1 A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS SOCIAIS NA ELABORAÇÃO DO AUTO-CONCEITO E DA AUTOIMAGEM

Por meio das leituras de trabalhos elaborados sobre a temática, percebe-se que os termos autoconceito, autoimagem e até mesmo vulnerabilidades sociais frequentemente se interseccionam com o uso intensificado das redes sociais, entrando em choque com as chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). As redes sociais, de forma geral, estabeleceram e continuam estabelecendo cotidianamente uma padronização estética e a propagação de vidas perfeitas, que são compartilhadas com extrema rapidez. Em apenas um clique, o usuário tem acesso a uma infinidade de informações.

Dessa forma, o uso das redes sociais se mostra de suma importância para este trabalho, uma vez que essas plataformas agem como uma faca de dois gumes: ora fornecendo informações que, se bem filtradas, geram conhecimento e ampliam a visão de mundo da sociedade; ora podendo se tornar nocivas para aqueles que as consomem, ao gerarem um sentimento comparativo entre a vida real e o que é visto nas redes.

Boyd e Ellison (2007 apud Santos e Rodrigues, 2023) conceituam redes sociais como sistemas que permitem a construção de imagem e a exposição do indivíduo por meio de um perfil ou página pessoal. Assim, correlacionar redes sociais com autoestima e autoimagem torna-se quase automático, pois as pessoas se avaliam a partir do que pode ser visualizado nessas plataformas. Ao projetar sua realidade em um ideal de corpo e vida apresentado nas redes, muitos enfrentam dificuldades para aceitar sua própria realidade e aparência, o que pode empobrecer a conceitualização e aceitação da própria autoimagem e autoconceito (Santos, 2016).

Santos e Rodrigues (2023) relatam que as redes sociais permitem a comunicação com indivíduos de todo o mundo, mas nem todos os recursos apresentados por essas plataformas são benéficos. Segundo os autores, elas apresentam conteúdos que estimulam a exploração excessiva da imagem e o consumismo, contribuindo para a criação de padrões de vida e status que muitas pessoas consideram inalcançáveis. Esse constante confronto com padrões elevados gera conflitos individuais, impactando diretamente a saúde mental dos usuários (Santos; Rodrigues, 2023).

Diante dessas análises e do padrão de vida ideal imposto pelas redes sociais, vê-se a necessidade de abordar o tema deste trabalho, que visa promover um debate demonstrando como essas plataformas impactam no processo de fortalecimento (ou não) do autoconceito e da autoimagem em mulheres que enfrentam situações de vulnerabilidade.

3.2 AUTOCONCEITO, AUTOIMAGEM E VULNERABILIDADE SOCIAL

Para discorrer sobre tais pontos, é necessário que, antes, se estabeleça uma definição para os conceitos. Pode-se afirmar, após a leitura de diferentes autores, que autoconceito e autoimagem se

juntam com autorreforço e autoeficácia na formação dos pilares da autoestima.

Em uma perspectiva geral, pode-se definir autoconceito como a somatória das interações sociais e o modo como o sujeito se percebe em relação à descrição que outras pessoas fazem dele. Ou seja, é possível afirmar que, para a elaboração do autoconceito, leva-se em conta a resposta que recebemos da sociedade a partir da pré-avaliação de nosso estado de ser e de nossas vivências, conforme apontado por Mendes et al. (2012). Tal descrição também é abordada por Bandura (1986, apud Guimarães, 2012), que define autoconceito como a visão que o indivíduo possui de si mesmo, formada com base na sua experiência de mundo, ou seja, pelas trocas realizadas, e que permite sua observação e avaliação frente às interações vivenciadas.

Para Santos e Rodrigues (2023), o autoconceito é caracterizado pela maneira como uma pessoa pensa sobre si mesma. Dessa forma, ela decide como deseja ser tratada, compreende seus limites e exigências, e tem a consciência de que pode escolher se amar ou não.

Já o conceito de autoimagem pode ser compreendido como sendo a percepção de maior influência interna e particular. Este termo abrange todos os aspectos da vida do indivíduo e influencia diretamente a maneira como ele se relaciona consigo mesmo. Em outras palavras, é a forma como a pessoa se vê, não apenas fisicamente, mas também emocional, social e cognitivamente, além dos diversos papéis sociais que desempenha (Franco et al., 2021). Ainda de acordo com os autores, reduzir autoimagem a somente aspectos físicos é uma maneira reducionista de abordar a questão. Tal definição é corroborada por Sparmer, Carvalho e Bastos (2022), que identificam autoimagem como sendo a forma como o indivíduo se vê, seja referente à sua forma física ou status social, envolvendo também a possibilidade de a autoimagem ser a junção desses dois fatores. Santos e Rodrigues (2023) conceituam a autoimagem como a percepção que temos do nosso próprio corpo, o que nos permite estabelecer nosso próprio conceito de beleza.

Ampliando os conceitos, Sparmer, Carvalho e Bastos (2022) apontam que, na afirmação da autoimagem, as referências exteriores são incorporadas pelo sujeito. Apesar de ser um termo que vai além da perspectiva física, a insatisfação com o corpo é caracterizada por uma avaliação negativa que se tem sobre si mesmo. Essa avaliação é determinada a partir da diferença entre o real e o tido como ideal. Dentro desse aspecto, é possível evidenciar a problemática do conceito de "ideal", muitas vezes vendido e transmitido pelas mídias sociais, o que pode gerar uma não aceitação de si próprio e, conseqüentemente, uma autoimagem desregulada.

Assim sendo, a autoimagem caracteriza-se como sendo um sentimento de aprovação e/ou negação de si próprio, que avalia o quanto o indivíduo se sente suficiente, capaz, importante e bem-sucedido. Isso nos leva a entender que a autoimagem está diretamente ligada ao processo de formação e fortalecimento da identidade, auxiliando o indivíduo a se posicionar no mundo e frente ao mundo.

Diante do exposto, é possível identificar que as definições de autoconceito e autoimagem frequentemente se entrelaçam com questões sociais e com a maneira como a visão de mundo e de pertença dos indivíduos afetam diretamente a cristalização desses conceitos. Nessa direção, é necessário entender também o conceito de vulnerabilidade social, em situações que evidenciem questões

de autoconceito e autoimagem, uma vez que ambos os conceitos contam também com a visão que o outro tem de cada indivíduo.

A vulnerabilidade social não se define em um conceito único. Scott et al. (2018) relatam em seus estudos que a vulnerabilidade social vem sendo amplamente debatida e inserida em pesquisas desde a década de 1990, principalmente em trabalhos nas áreas de saúde e assistência social. Para Scott et al. (2018, p. 601)

a definição de vulnerabilidade vem sendo discutida mais atrelada ao termo minorias, por se entender que a população considerada vulnerável faz parte de um grupo de menor dominância social. Dessa forma, percebe-se que ser ou não vulnerável está associado à ideia de precariedade de condições de vida.

Em relação a este conceito, Guareschi et al. (2012, p. 20) afirmam que vulnerabilidade social pode ser entendida como “uma posição de desvantagem frente ao acesso às condições de promoção e garantia dos direitos de cidadania de determinadas populações”. Apontam, ainda, que vulnerabilidade social não se limita apenas a questões econômicas, mas também perpassa por questões políticas de raça, orientação sexual, gênero, etnia, entre outras.

Cruz, Felicissimo e Macaé (2021) reforçam a ideia de que vulnerabilidade social não deve ser compreendida apenas através de déficits financeiros, mas também a partir da restrição e/ou dificuldade de acesso à educação, saúde, uso de drogas, gravidez precoce, negligência e/ou abandono afetivo, cultural, socioeconômico, ingresso precoce no mercado de trabalho, entre outros fatores.

Para Moraes, Raffaelli e Koller (2012), o conceito de vulnerabilidade está ligado a pessoas que vivem em situações conflitivas no seu dia a dia. Ou seja, vulnerabilidade social pode estar associada a fatores de risco que afetam negativamente a vida diária das pessoas. Considera-se que fatores de risco envolvem condições que provocam efeitos negativos ou indesejáveis e que, eventualmente, podem comprometer a saúde, o bem-estar e o desenvolvimento do indivíduo.

Paulino e Lopes (2010) definem comportamento de risco como ações ou atividades que conduzem o indivíduo a enfrentar situações adversas ao seu desenvolvimento psicossocial, podendo gerar ou agravar danos e/ou doenças àqueles que passam por essas condições.

3.3 VULNERABILIDADES SOCIAIS ENFRENTADAS POR MULHERES

Scott et al. (2018) divide o termo vulnerabilidade social em três esferas, sendo elas: vulnerabilidade social como exposição a riscos; vulnerabilidade social baseada em aspectos demográficos e/ou socioeconômicos; e vulnerabilidade social a partir de uma noção multidimensional. Os achados desses estudos possibilitam identificar que as mulheres enfrentam diversos tipos de vulnerabilidades, não apenas sociais, mas também emocionais e psicológicas, todas influenciando diretamente na construção de seu autoconceito e de sua autoimagem, podendo, assim, impactar questões ligadas à sua autoestima.

Dentre as várias vulnerabilidades às quais as mulheres estão sujeitas, destacam-se aquelas relacio-

nadas a: questões de gênero, saúde, raça, território, regionalidade, renda e escolaridade.

A partir das vulnerabilidades encontradas no âmbito do estudo apresentado, evidencia-se que todas as mulheres se identificam com algum tipo apresentado por Scott et al. (2018) e que, muitas vezes, estão diretamente ligadas às questões de classe. Ao serem analisados os três pontos apresentados pelo autor e seus colaboradores, é possível identificar que eles se interseccionam, demonstrando que as vulnerabilidades estão relacionadas às oportunidades, que frequentemente resultam em desigualdades sociais e em processos de exclusão ou manutenção de violência nas relações.

Dessa forma, foi possível observar que as condições econômicas e a facilidade de acesso aos serviços básicos — como saneamento, saúde, educação, informação e cultura — estão diretamente implicadas nesse contexto.etc.

4. PESQUISA E RESULTADOS

Neste estudo, adotou-se o relato de vida de uma mulher que, para fins deste trabalho, será denominada Maria e que se encontra dentro do conceito de vulnerabilidade analisado.

Maria é uma mulher de 45 anos, residente em uma cidade do interior do Espírito Santo, em uma área considerada periférica, marcada pela falta de saneamento básico e por um alto índice de criminalidade. Ela mora com sua filha de 19 anos, que apresenta diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista, além de algumas comorbidades, como pressão alta, diabetes, colesterol, intolerância à lactose e outras questões.

Maria relata que enfrenta muitas dificuldades, especialmente financeiras. Devido às necessidades da filha, ela não pode trabalhar, pois a filha precisa de seus cuidados durante grande parte do dia. O benefício recebido pela filha não é suficiente para cobrir as necessidades básicas da família, considerando os gastos elevados. Maria também menciona a ausência de uma rede de apoio (como o CRAS e a APAE) e o abandono familiar vivenciado por ela e pela filha.

Maria também aponta o julgamento da sociedade como uma dificuldade cotidiana. A pouca escolaridade que lhe foi ofertada na juventude contribui para agravar suas dificuldades. Quando indagada sobre autoconceito, após receber uma explicação sobre o termo, ela se descreveu como “uma mulher forte, trabalhadora, coração forte e generoso, bondosa e uma boa mãe, mas às vezes fraca, pois se deixa levar pelas dificuldades que a cercam”. Em relação à autoimagem, Maria relata que gosta de seus dentes, mas, devido às questões financeiras, não pode se vestir bem e não se acha bonita.

Para Maria, as dificuldades enfrentadas afetam diretamente o fortalecimento de sua autoimagem, especialmente a falta de recursos financeiros. Ela acrescenta: “Eu tinha vontade de me arrumar também um pouco, arrumar meus dentes, que vai passar mais um ano e não consegui por não ter condições, e eu deixo de me arrumar para tentar ajudar e arrumar minha filha”. Ela relata ainda que, mesmo fazendo o possível para sustentar a filha, vive sob constantes ameaças de perder a guarda dela. Segundo Maria, isso ocorre devido às vulnerabilidades que a cercam.

A fala de Maria se alinha aos achados de Scott et al. (2018), que apontam que a vulnerabilidade

vai além do aspecto social, envolvendo também aspectos emocionais e psicológicos que impactam diretamente o autoconceito e a autoimagem, como pode ser observado nos diferentes aspectos apresentados por Maria.

Percebe-se, pela fala de Maria, que, apesar de não expressar de forma clara, há um sentimento de tristeza por não conseguir corresponder à imagem tida como padrão pela sociedade ou pelo grupo social ao qual pertence. Esse aspecto é evidente quando ela se refere “aos seus dentes”. Outro ponto é o autoconceito que ela tem: “Ela não se acha bonita”. O fato de a beleza estar “em alta”, retratada pelas imagens divulgadas pela mídia, e o comparativismo são aspectos relevantes em sua rotina.

Maria, vivendo em um contexto de vulnerabilidade, demonstra sentimentos de impotência, frustração e inferioridade. Esses sentimentos são exteriorizados em seu tom de voz, em sua postura, em seu olhar e na forma como expressa seus pensamentos. Entende-se que tais sentimentos estão presentes não apenas em suas falas, mas também em seu corpo, que expressa, grita e concretiza seu autoconceito e sua autoimagem.

Dessa forma, percebe-se que a falta de oportunidades e todo o contexto de vida de Maria a fazem sentir-se, considerando o cenário fantasioso imposto pela mídia, “um ser fora do mundo”.

Quanto ao aspecto da vulnerabilidade, a fala de Maria permeia todas as esferas: a vulnerabilidade social como exposição a riscos, quando cita o alto índice de criminalidade enfrentado por ela devido ao local onde reside; a vulnerabilidade social baseada em aspectos demográficos e/ou socioeconômicos, quando descreve sua moradia como uma região periférica com falta de saneamento básico; e, por último, a vulnerabilidade social a partir de uma noção multidimensional, ao colocar como sua maior vulnerabilidade o baixo poder aquisitivo, a falta de escolaridade e outros fatores que se encaixam nessa esfera.

Nessa perspectiva, pela fala de Maria, é possível perceber que as esferas de vulnerabilidade social enfrentadas por ela afetam diretamente a significação de seu autoconceito e de sua autoimagem, moldando, em muitos momentos, sua forma de ver e vivenciar a realidade em que vive.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de buscas bibliográficas, foi possível classificar a vulnerabilidade social em três esferas: vulnerabilidade social como exposição a riscos; vulnerabilidade social baseada em aspectos demográficos e/ou socioeconômicos; e vulnerabilidade social a partir de uma noção multidimensional, como aponta Scott et al. (2018). Por meio do relato do caso, foi possível identificar as esferas de vulnerabilidades sociais descritas por Scott et al. (2018).

Sobre essas variáveis, Faria et al. (2021) trazem como exemplo que a qualidade de vida e o bem-estar de um indivíduo são influenciados por diversos fatores, como sua inserção no mercado de trabalho, a qualidade de suas relações sociais, os serviços disponíveis para ele e as formas de proteção oferecidas pelo Estado. Afirmam ainda, em seus estudos, que existe uma multiplicidade de fatores que se entrelaçam na perspectiva de vulnerabilidade social, como as condições socioeco-

nômicas, o acesso a serviços, a cultura e as relações sociais, entre outros.

O relato de vida de Maria corrobora a análise de Faria et al. (2021), demonstrando que a vulnerabilidade social vivida por ela é entrelaçada por diferentes fios que criam uma teia que a impede de se enxergar como uma mulher com todas as suas potencialidades e forças. O centro da teia é tomado pelos padrões tidos como únicos e reforçados de forma intensa por todas as redes sociais. Ressalta-se que o olhar de Maria sobre si mesma é de crítica e incapacidade, mesclado com frustração e tristeza.

Os achados encontrados ao ouvir Maria permitem compreender que a situação de vulnerabilidade vivida por ela tem um impacto profundo em seu autoconceito e autoimagem. A constante exposição a condições adversas, como a pobreza e a falta de acesso a recursos básicos, faz com que Maria desenvolva uma visão negativa de si mesma. Ela se percebe como alguém sem valor e incapaz de mudar sua realidade, o que reforça sentimentos de inadequação e baixa autoestima. A falta de apoio social e emocional agrava ainda mais essa percepção, fazendo com que Maria acredite que não possui as ferramentas necessárias para melhorar sua aparência ou sua situação de vida.

Além disso, a autoimagem de Maria é diretamente afetada pela falta de oportunidades e pela exclusão social. A ausência de acesso a cuidados de saúde, educação e outros serviços essenciais contribui para que ela se sinta desamparada e sem perspectivas de futuro. Essa sensação de impotência e desespero é refletida em sua aparência física, que ela considera feia e sem possibilidade de melhora. A internalização dessas crenças negativas cria um ciclo vicioso, no qual a percepção de sua própria imagem deteriora ainda mais sua autoestima e seu autoconceito, perpetuando a vulnerabilidade em que se encontra.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**: edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70, 2016.

CRUZ, D. C.; FELICISSIMO, F. B.; MACAÉ, F. C. S. DE. A importância da autoestima em adolescentes que estão em contexto de vulnerabilidade social. **Revista Visões**, 2021. Disponível em: <https://fsma.edu.br/visoes/edicoes-anteriores/docs/9/Edicao_9_artigo_2.pdf>. Acesso em 23 nov. 2023.

FARIA, G. N. *et al.* **Adolescência e vulnerabilidades sociais: demandas para profissionais de psicologia na prática clínica** – in: VII Seminário Científico do UNIFACIG, VI Jornada de Iniciação Científica do UNIFACIG, Manhuaçu, 2021. Disponível em: <<https://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/semia-riocientifico/article/view/2922>>. Acesso em 20 out. 2023.

FRANCO, B. Z. *et al.* A autoimagem da mulher e como essa questão perpassa as gerações – **Revista Longeviver**, SÃO PAULO, 2021. Disponível em: <<https://revistalongeviver.com.br/antiores/index.php/revistaportal/article/view/907>>. Acesso em 10 out. 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, 1999.

GUARESCHI, N. M. F. *et al.* Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa do trabalho educativo. **Revista Estudos E Pesquisas Em Psicologia**, p. 20-30, 2007. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/10945>>. Acesso em 15 nov. 2023.

GUIMARÃES, J. V. C. **Autoconceito, autoestima e comportamentos desviantes em adolescentes**. 2012. Dissertação De Mestrado. Instituto Universitário De Ciências Psicológicas, Sociais E Da Vida – ISPA. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2567/1/8511.pdf>. Acesso em 10 set. 2023.

MENDES, A. R. *et al.* **Autoimagem, autoestima e autoconceito: contribuições pessoais e profissionais na docência**. XI ANPED SUL 2012. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/724/374>>. Acesso em 31 out. 2023.

MORAIS, N. A.; RAFFAELLI, M.; KOLLER, S. H. Adolescentes em situação de vulnerabilidade social e o continuum risco-proteção. **Revista Avances Em Psicología Latinoamericana**, p. 118-136. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/apl/v30n1/v30n1a10.pdf>> Acesso em 15 set. 2023.

OLIVEIRA, M. F. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. UFG, 2011.

PAULINO, J. A.; LOPES, R. F. F. Relação entre percepção e comportamento de risco e níveis de habilidades cognitivas em um grupo de adolescentes em situação de vulnerabilidade social. **Psicologia: Ciência E Profissão**, p.752- 765, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/PJyrbgWb5r8SPMz9tHHN-jxC/abstract/?lang=pt>> Acesso em 10 nov. 2023.

SANTOS, S. G. **Era do espelho: a captura do olhar nas redes sociais**. Trabalho De Conclusão De Curso (Graduação Em Psicologia). Universidade Estadual Da Paraíba, Campina Grande, 2016. Disponível em: <<https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/11696>>. Acesso em 30 out. 2023.

SANTOS, T. C. A.; RODRIGUES, K. L. A. I. Impactos das redes sociais em relação à autoestima e autoimagem. **Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação-REASE**. São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/8724>>. Acesso em 30 out. 2023.

SCOTT, J. B. *et al.* O conceito de vulnerabilidade social no âmbito da psicologia no brasil: uma revisão sistemática da literatura. **Psicol. Rev. (Belo Horizonte)** p. 600-615, BELO HORIZONTE. 2018. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682018000200013>. Acesso em 15 out. 2023.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo, 1965.

SILVA, A. J. *et al.* **Método de pesquisa survey – estudo do método e aplicações na engenharia de produção**. - XIV WORKSHOP DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA DO CENTRO PAULA SOUZA São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/374161053_Metodo_de_pesquisa_Survey_-_estudo_do_metodo_e_aplicacoes_na_engenharia_de_producao>. Acesso em 10 out. 2023.

SPAMER, F. G.; CARVALHO, R. F.; BASTOS, M. F. **Impacto das mídias sociais sobre autoimagem e autoestima de jovens**. SÃO PAULO, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/3635ab48-b85f-4c29-ad92-afcdcf1d489>>. Acesso em 10 out. 2023.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, 1987.